



---

## ANAUÊ: O INTEGRALISMO COMO A EXPERIÊNCIA BRASILEIRA DO FASCISMO

Jonas Alexandre Ferreira

Aluno de graduação em História da Universidade Federal de Campina Grande  
jonas.alexandre@estudante.ufcg.edu.br

Lucas de Lima Cesar

Aluno de graduação em História da Universidade Federal de Campina Grande  
lucas.lima@estudante.ufcg.edu.br

**RESUMO:** O presente trabalho expõe a ideia de que o integralismo foi um movimento de massas que se inscreveu como sendo a experiência fascista brasileira. A pesquisa foi construída embasada pela teoria do historiador Francisco Carlos Teixeira, o qual defende que os fascismos foram múltiplos e possuíram particularidades a depender da localidade em que se instauraram, e foi dividida de modo a compor um quadro geral sobre a discussão. Desse modo, apresentamos um debate historiográfico acerca da conceituação de fascismo, seguindo para uma apresentação do que foi o integralismo e sua estruturação, desde o lema do movimento ao papel desempenhado pela criança e a mulher integralista. Não esgotando a temática, este artigo se coloca como um trabalho introdutório para apresentar e propor bibliografias para quem possa interessar o assunto.

**Palavras-chave:** Fascismo; integralismo; revisão historiográfica.

### 1. INTRODUÇÃO

Dentro da História é comum que não haja homogeneidade entre os autores ao analisarem determinadas temáticas, e este é o caso do fascismo, que no século XX foi responsável por guerras e conflitos, e que até hoje divide opiniões acerca de sua conceituação entre os historiadores. Há aqueles que defendem que o fascismo somente ocorreu na Itália, pois foi fruto de um contexto político e social específico que jamais poderia ser replicado, e todas as outras experiências por mais que pudessem ter características semelhantes, não passavam de regimes autoritários;

Assim como existem autores que rejeitam a ideia de um movimento único, e assumem a premissa de fascismos, no plural, defendendo que estes foram múltiplos, com critérios específicos, e ao mesmo tempo universais, e que não configuram um momento acabado da



história, sendo necessário para sua análise, atentar-se para movimentos como por exemplo, o neofascismo.

A tese defendida neste trabalho, está alinhada a segunda vertente, pois busca apresentar o integralismo como sendo a versão brasileira do fascismo, entendendo-o como mais que uma forma de governo, uma ideologia. Levando em consideração a especificidade do Brasil e seu mosaico multicultural proveniente da sua formação enquanto estado nacional, podemos identificar inclusive a presença da fusão de palavras e termos indígenas ao movimento, como é o caso da sua saudação, Anauê, uma palavra derivada do tupi, que significa “você também”.

Esse e outros aspectos são explicados ao longo do artigo, que está dividido do seguinte modo: inicialmente uma contextualização histórica e conceituação do termo fascismo, ancorada em diferentes autores; seguindo para uma apresentação do integralismo e suas principais características; e por último, a síntese da tese e sua finalização no tópico da conclusão; chegando finalmente às referências completas dos autores utilizados para embasar nossa análise.

## **2. DA ORIGEM DO TERMO FASCISMO**

Assim como muitos conceitos históricos, as definições de fascismo derivam a depender do olhar do pesquisador que se lance a analisá-lo, no entanto neste trabalho adotaremos a posição de que este se caracteriza como um fenômeno ideológico e político ultranacionalista, que surgiu na Itália no conhecido “período entre guerras” como resposta às necessidades locais específicas do contexto caótico gerado pós primeira guerra mundial.

De acordo com Robert Owen Paxton que em seu livro intitulado A anatomia do fascismo faz uma apresentação analítica da formação e ramificações do fascismo, diz que este oficialmente foi fundado no ano de 1919, no dia 23 de março em Milão, em que recebeu inicialmente o nome Fasci di Combattimento pelo seu fundador e líder Benito Mussolini.

O termo fascismo deriva da palavra fascio que sugere unidade, pois refere-se a um agrupamento de varetas preso por um feixe, repassando a ideia de que uma pessoa sozinha não tinha força, mas um grupo coeso, era indestrutível. Ainda sobre a origem do termo, Paxton destaca que Mussolini não era o único a fazer uso da palavra em seu movimento e que já no ano de 1914 a esquerda se utilizava de tal simbolismo, porém adaptado às suas aspirações políticas e ideológicas.



Desse modo, levando em consideração o próprio sentido que a palavra confere, podemos avançar em nossa definição e classificá-la como um movimento de massas com forte caráter salvacionista. Pois dentro de um cenário de crises políticas, sociais, psicológicas, e econômicas geradas pelo confronto de alcance mundial que abalou fortemente os países europeus, a Itália via em Mussolini o salvador capaz de tirá-la dos apuros que entraram com o fim da primeira guerra mundial. Outros fatores relevantes para a criação e consolidação da ideologia fascista foram: o temor de uma possível expansão da revolução socialista, devido às crescentes greves operárias italianas; e a insatisfação com o não cumprimento das recompensas a ela oferecidas durante a guerra para trocar de lado.

Mussolini, um veterano de guerra que junto com outros ex-soldados que lutaram na primeira guerra mundial, alguns sindicalistas e uns intelectuais futuristas, deram vida na data acima citada a um movimento que posteriormente ganharia inúmeros seguidores dentro e fora da Europa, podendo citar os casos da Alemanha, Hungria, Brasil, Espanha, entre outros.

Paxton menciona em seu livro que durante algum tempo considerou-se na historiografia que o fascismo teria ocorrido apenas na Itália, devido às condições específicas que o germinaram, e que em outros contextos não se replicaram, fazendo com que mesmo outros governos autoritários surgindo, não fossem propriamente ditos fascistas.

Porém embora o cientista político e historiador aponte tal fator, discorda desse pensamento e nos diz que mesmo existindo outras ramificações do fascismo, como a exemplo, o nazismo, o integralismo, e o salazarismo, não devemos abandonar o termo genérico (fascismo), todavia, precisamos tomar cuidado ao utilizá-lo, entendendo-o como fenômeno histórico, político e social, possuidor de complexas características e múltiplas definições.

Nessa perspectiva recorreremos a interpretação do professor de História Contemporânea da UFRJ, Francisco Carlos Teixeira da Silva, que defende a teoria de que os fascismos são múltiplos, com suas especificidades, mas também com um caráter universal. Pontuando ainda que a ausência de uma ou outra característica não é o bastante para descartar a possibilidade de um grupo ser ou não fascista, e que este fenômeno não se trata de um assunto acabado da história, sendo primordial para sua análise, estudar e compreender o neofascismo e seus desdobramentos.



Corroborando com tal definição o filósofo Douglas Antônio Fedel Zorzo explora o conceito de fascismo a partir de uma obra do Primo Levi, escritor judeu italiano que viveu de 1919 a 1987, que em seus trabalhos relata sobre sua experiência enquanto um sobrevivente da perseguição fascista. Ele foi prisioneiro no campo de concentração de Auschwitz-Birkenau e segundo Zorzo, define como fascista todo e qualquer governo que cerceia a igualdade de direitos entre os seres humanos. Para ele, esses regimes cruéis e autoritários fazem uso de dois principais mecanismos para se perpetuar, que são: a violência e a fraude, pois enquanto a primeira extingue os opositores, a segunda opera para legitimar suas ações como necessárias e louváveis.

Há também autores que classificam o fascismo como um/a desvio/doença moral da Europa, como é o caso de Benedetto Croce, citado tanto na obra de Paxton quanto no Dicionário de conceitos históricos referenciado no fim do presente trabalho. Para ele se trataria apenas de um parêntese na história da Itália, sendo de tal modo o resultado passageiro de um declínio moral inflado pelos problemas criados pela primeira guerra mundial, o pensador vai adiante com sua crítica e enfatiza que esta seria uma nova forma de mal governo, inaugurada por Mussolini, o regime dos asnos zurrantes, que este ironicamente denominou de “onagrocracia”.

Podemos dessa forma perceber que um momento da história com tamanho impacto a nível mundial, e marcado pela violência, não é homogeneamente definido, porém a fim de tentar compor um quadro geral sobre o tema, iremos apenas destacá-lo como um fenômeno político e ideológico extremista que possui como principais características: o autoritarismo; ultranacionalismo; corporativismo; antiliberalismo; ultraconservadorismo; o forte uso de propagandas; enfoque na militarização; uso da força; e o salvacionismo.

### **3. O FASCISMO À BRASILEIRA**

Assumindo uma perspectiva de multiplicidade do fascismo, e compreendendo que suas experiências em diferentes países dependeram das condições internas e do próprio contexto político e social ao qual eles se encontravam, abordarei no presente ensaio embasando-me no referencial de apoio, a premissa de que o integralismo foi neste caso a versão brasileira do fenômeno fascismo.



Fundada oficialmente em 07 de outubro de 1932 a Ação Integralista Brasileira (AIB) foi considerado segundo nos aponta Marcos Chor Maio em seu texto denominado de *Ação Integralista Brasileira: um movimento fascista no Brasil*, a segunda maior célula fascista fora da Europa, e o primeiro partido brasileiro a ganhar dimensões nacionais, contando com uma forte participação popular.

O integralismo pode assim, ser caracterizado como um movimento de massas, ultranacionalista, antiliberal e anticomunista, que sob a liderança de Plínio Salgado, Gustavo Barroso e Miguel Reale disseminaram amplamente ideias conservadoras, que podiam ser observadas por exemplo, em seu lema: “Deus, Pátria e família”, tais discursos construía uma visão peculiar do que era ser brasileiro, e de como deveria ser organizada a nação, e devido ao seu caráter de apelo popular introduzindo o homem comum no debate, conquistaram milhares de seguidores, sendo a estimativa de algo entre 500 e 800 mil aderentes do movimento, uma marca comum do fascismo.

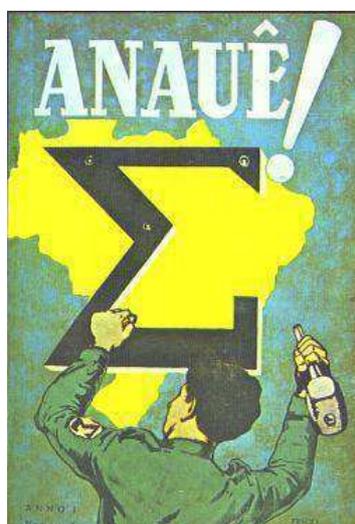
Assim como os nazistas alemães, os integralistas possuíam símbolos identificadores próprios que os uniam enquanto grupo. Normalmente utilizavam uniformes com camisas verdes, calças para os homens e saia para as mulheres, o que remetiam em certa medida a vestimenta militar; desfilavam sempre de modo ordenado e enfileirados como faziam o exército, para mostrar a ideia de disciplina e patriotismo; sua saudação e o símbolo que compunha a bandeira integralista, estavam alinhados para externalizar o sentimento de união (tática para a incorporação de novos membros).

Anauê, dito em seguida do braço direito erguido remontavam a saudação da AIB, tratava-se de uma palavra indígena derivada do tupi antigo, que em tradução para o português poderia significar “igualmente” ou “você também”. O emprego de uma palavra de origem tupi é explicado pela ideologia defendida por Plínio Salgado, que rejeitava a ideia nazista de racismo, e concedia aos indígenas a ideia de guerreiros da terra (MAIO, 2003)

Já a bandeira do movimento era composta por um fundo totalmente azul com a letra sigma do alfabeto grego centralizada ao meio, esta remetia a soma, integração, que era a exata mensagem que o partido almejava difundir, Plínio Salgado defendia a tese de que a unidade era a negação da diferença e do conflito, sendo assim, somente uma sociedade coesa, sem divisões de grupos poderia prosperar, e esta era a fórmula para que o Brasil chegasse a se tornar a grande



potência que tinha tudo para ser (MAIO, 2003). Segue uma imagem retirada da internet a fim de ilustrar os pontos aqui abordados:



*Imagem 01:*

Dentre os muitos artifícios utilizados pelos “camisas verdes” (como eram conhecidos os integralistas) para impulsionar o alcance do movimento, estavam presentes as marchas extremamente coreografadas. Os desfiles eram eventos meticulosamente planejados, nos quais a estética, a ordem e a disciplina eram fundamentais. Eles não eram apenas projeções públicas de apoio ao movimento, mas também representavam uma expressão artística e ritualística que visava fortalecer a união entre os integralistas e inspirar um sentimento de identidade nacional.

A coreografia dos desfiles, muitas vezes influenciada por elementos militares e culturais, foi cuidadosamente planejada para transmitir a mensagem integralista de unidade, orientação e patriotismo. Os participantes, vestidos com uniformes distintivos, marcharam em sincronia, destacando a importância da disciplina e da ordem na construção de uma sociedade coesa.

Além disso, os desfiles proporcionaram uma oportunidade para uma mobilização massiva dos integralistas, permitindo que o movimento demonstrasse seu poder de influência e seu apoio popular. A presença de grandes multidões, aliada à grandiosidade dos eventos,



buscava criar uma atmosfera de fervor patriótico e fortalecer a identidade nacional proposta pelo integralismo.

Em suma, essas marchas coreografadas desempenharam um papel vital no integralismo, fornecidos como instrumentos para difundir os ideais do movimento, promover a coesão entre os seguidores e consolidar uma narrativa nacionalista. Através da estética, da disciplina e do simbolismo presentes nessas manifestações públicas, os integralistas buscavam deixar uma marca indelével na sociedade brasileira da época. Segue a imagem de uma das tantas marchas realizadas:



*Imagem 02:*

No contexto integralista, as crianças eram consideradas o futuro da pátria e, como tal, eram alvo de atenção especial por parte do movimento. Acreditava-se que moldar as crianças desde cedo de acordo com os princípios integralistas seria essencial para a formação de uma sociedade baseada na disciplina, na ordem e no respeito às tradições.

Seguindo os moldes nazistas de inserção de membros crianças, a educação integralista deveria começar desde muito cedo, já em casa, porém de fato a integração oficial na AIB se dava aos 04 anos em que ocupavam os cargos de infantes; dos 06 aos 09 passariam a ser denominados de curupiras (outra palavra indígena); entre 10 e 12 tornavam-se vanguardeiros e dos 13 aos 15, pioneiros (MAIO, 2003).



O movimento enfatizava a importância cultivar nos jovens valores como patriotismo, moralidade e devoção à pátria. As escolas integralistas foram concebidas como instituições que não apenas transmitiam conhecimentos científicos, mas também desempenhavam um papel ativo na formação do caráter dos estudantes.

Além disso, as atividades para crianças dentro do integralismo incluíam a participação em eventos, desfiles e rituais que destacavam a importância da coletividade, do trabalho em equipe e do comprometimento com os ideais do movimento. Uniformes, símbolos e saudações eram elementos comuns nesse processo de socialização integralista.

Assim, para o integralismo, investir na educação e formação das crianças era crucial para garantir a continuidade e a disseminação dos princípios integralistas na sociedade brasileira. A visão integralista via na juventude é uma força transformadora capaz de moldar o destino da nação, e, portanto, as crianças eram consideradas agentes ativos na construção do ideal integralista de uma sociedade coesa e nacionalista.

Quanto as mulheres, estas que constituíam aproximadamente 20% dos integrantes do grupo, tinham funções específicas como: zelar pelos seus lares; cuidar das suas famílias; e procriar e educar boas crianças patrióticas; assim como estar presente e ajudar seus maridos nas lutas do movimento. Desse modo, as mulheres eram vistas como uma peça fundamental na preservação dos valores culturais e morais da sociedade brasileira, pois o movimento enxergava a família como a célula básica da sociedade, e a mulher desempenhava um papel central nesse contexto, o de mãe e esposa. Sob o lema “Crer, obedecer e preservar”, as mulheres marcaram seus lugares dentro da militância do partido, e estiveram fortemente presentes nas marchas e manifestações realizadas.

Porém, para os integralistas, a participação da mulher na esfera pública era limitada, uma vez que defendiam a complementaridade entre os papéis masculino e feminino. A mulher era vista como guardiã dos valores domésticos, enquanto o homem desempenhava um papel mais ativo na esfera política e social. Essa visão, embora reflita a realidade social da época, pode ser considerada restritiva do ponto de vista da igualdade de gênero.

No entanto, é importante reconhecer que o Integralismo Brasileiro não era homogêneo em suas ideias, tendo diferentes interpretações e graus de adesão aos princípios estabelecidos por Plínio Salgado. Algumas mulheres integralistas, por exemplo, buscavam participar



ativamente no movimento, inclusive em atividades políticas, defendendo uma visão mais ampla do papel feminino na sociedade.

É importante chamar atenção para o fato de que os principais líderes da Ação Integralista Brasileira tinham posicionamentos ideológicos distintos, e que embora Plínio Salgado se apresentasse de maneira mais branda que Gustavo Barroso sobre alguns assuntos, como a exemplo do antissemitismo, ainda assim estava veementemente presente no discurso integralista, falas de ódio e incitação à violência contra os seus adversários, que ganhava nesse novo cenário o teor de inimigos.

Plínio Salgado, fundador da Ação Integralista Brasileira (AIB), foi uma figura carismática que desfrutou de popularidade específica entre os seguidores do integralismo. Sua liderança foi marcada por um discurso mais conciliador e pragmático. Salgado buscava incorporar o movimento na vida política brasileira de maneira mais integrada, participando de eleições e buscando alianças com outros setores políticos. Sua visão de um Estado forte e autoritário, embora inspirada em ideais nacionalistas, estava homologada com a participação no jogo político institucional.

Enquanto Gustavo Barroso representava uma abordagem mais radical e purista do integralismo. Teve sua liderança fundamentada por uma postura menos flexível e mais intransigente em relação às negociações políticas convencionais. Barroso acreditava em uma transformação profunda da sociedade, incluindo a eliminação de influências estrangeiras e a imposição de uma visão cultural mais tradicionalista. Sua retórica muitas vezes adotava um tom mais radical, rejeitando compromissos que poderiam diluir os princípios integralistas.

Essas diferenças de abordagem entre Salgado e Barroso refletem a complexidade do integralismo como movimento político. Enquanto Salgado buscava um caminho mais moderado, modificando as estruturas existentes, Barroso adotava uma postura mais radical e revolucionária. Essas nuances de liderança dentro do integralismo ressaltam como os movimentos ideológicos podem conter facetas divergentes, cada uma refletindo interpretações distintas dos princípios fundamentais do movimento.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**



Levando-se em consideração os aspectos abordados ao longo do presente ensaio, é possível concluir que o integralismo pode sim ser caracterizado enquanto a experiência fascista brasileira, pois como nos sugere o autor já citado no trabalho, Francisco Carlos Teixeira da Silva, a ausência de um ou outro elemento presente no fascismo italiano, não desqualifica o regime fascista em outras localidades, pois estes obedecem a regras específicas do contexto nacional em que foi implantado.

E no caso do Brasil a imprevisibilidade no cenário político entre os anos 1930 e 1937 (período entre o golpe que colocou Getúlio Vargas no poder, e a implantação do Estado Novo), tornou o clima propício para o surgimento de movimentos plurais radicais. E é nesse contexto que o integralismo surge e ganha forças. Valendo ressaltar inclusive a simpatia do próprio presidente do momento, com o nazifascismo.

Além de que o integralismo é amplamente conceituado pelos autores (como é possível observar no tópico anterior) como um movimento de massas, ultranacionalista, antiliberal, anticomunista, conservador, e ultra militarista, marcas essas que são classificadores dos regimes fascistas (SILVA, 2000).

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA

MAIO, Marcos Chor; CYTRYNOWICZ, Roney. Ação Integralista Brasileira: um movimento fascista no Brasil (1932-1938). In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília (Orgs.). **O Brasil republicano: o tempo do nacional-estatismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 39-61.

PAXTON, Robert Owen. **A anatomia do fascismo**. p. 13-98. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. “Os Fascismos”. In: REIS FILHO, Daniel; ERREIRA, Jorge; ZENHA, Celeste (orgs.) **O Século XX**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. 3v. V. 2, p. 109-164.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de conceitos históricos**. 2.ed., 2a reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2009.

THALHEIMER, August. **Sobre o Fascismo**. Revista Marxismo Militante Exterior n° 1, outubro de 1975.

ZORZO, Douglas Antônio Fedel. **O conceito de “Fascismo” em Primo Levi**. Controvérsia, São Leopoldo, v.16, n. 1, p.29-39, 2020.



FIGURA 01: **Imagem retirada da internet.** Disponível em: [https://www.google.com/url?sa=i&url=https%3A%2F%2Fbrasilescola.uol.com.br%2Foque-e%2Fhistoria%2Foque-e-integralismo.htm&psig=AOvVaw2E\\_zkTPjdzaf49UNFF9f\\_&ust=1668979193325000&source=images&cd=vfe&ved=0CBAQjRxqFwoTCNjJzJ2Wu\\_sCFQAAAAAdAAAAABAD](https://www.google.com/url?sa=i&url=https%3A%2F%2Fbrasilescola.uol.com.br%2Foque-e%2Fhistoria%2Foque-e-integralismo.htm&psig=AOvVaw2E_zkTPjdzaf49UNFF9f_&ust=1668979193325000&source=images&cd=vfe&ved=0CBAQjRxqFwoTCNjJzJ2Wu_sCFQAAAAAdAAAAABAD)

FIGURA 02: **Imagem retirada da internet.** Disponível em: [https://www.google.com/url?sa=i&url=https%3A%2F%2Fwww.infoescola.com%2Fhistoriadorasil%2Fintegralismo%2F&psig=AOvVaw3BoOYu4jAbWjYM3BJJqWyG&ust=1668979313271000&source=images&cd=vfe&ved=0CBAQjRxqFwoTCOjw69GWu\\_sCFQAAAAAdAAAAABAD](https://www.google.com/url?sa=i&url=https%3A%2F%2Fwww.infoescola.com%2Fhistoriadorasil%2Fintegralismo%2F&psig=AOvVaw3BoOYu4jAbWjYM3BJJqWyG&ust=1668979313271000&source=images&cd=vfe&ved=0CBAQjRxqFwoTCOjw69GWu_sCFQAAAAAdAAAAABAD)

---

## DA INSATISFAÇÃO DOS DESEJOS À SOCIEDADE DO CONSUMO: UMA REFLEXÃO SÓCIO-FILOSÓFICA

Gabriel Andrade de Freitas  
Aluno do Curso de Licenciatura em História (CFP- UFCG)  
e-mail: gabrielalvesfre@gmail.com

Antunes Ferreira da Silva  
Mestre em Filosofia (UFPB)  
Professor de Filosofia (ETSC-CFP-UFCG)  
e-mail: antunnes\_ferreira@hotmail.com

**RESUMO:** O presente texto é uma pesquisa teórico-bibliográfica que trata da associação teórica, entre a insatisfação permanente dos desejos (segundo o pensamento do filósofo alemão Arthur Schopenhauer) e à saciação destes desejos, mais especificamente com a criação da sociedade de consumo (segundo o pensamento do sociólogo francês Jean Baudrillard). Por um lado, o voluntarismo schopenhaueriano expõe que a felicidade é algo puramente imaginário, jamais realizável por qualquer humano, uma vez que somos regidos pela Vontade (um ímpeto que constitui todos os seres do Universo) que cria, especificamente nos humanos, um desejo jamais saciável, uma vez que nos encontramos presos em um ciclo eterno de desejo-saciação-tédio. Por outro lado, após a Revolução Industrial, ao se estabelecer o modo de produção capitalista, se cria a necessidade de compra do que se é, através dele, produzido.

**Palavras-chave:** vontade; desejo; felicidade; consumo; cultura.

## 1 INTRODUÇÃO